



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lua Cheia, Agosto de 2012, nº 154



 Mirella Faur

ARDVI SURA ANAHITA

«Arđvi Sura Anahita, Senhora poderosa e imaculada, que purifica o ventre das mulheres e o sêmen dos homens, que auxilia as mulheres nos seus partos e coloca leite nos seus seios, abençoe as águas que fluem em todos os lugares para garantirem nossa sobrevivência e prosperidade».



Anahita, cujo nome significava "A força imaculada da água" era uma antiga deusa persa, adotada no panteão zoroastriano e tornando-se a mais popular das sete principais divindades (junto com Mithra e Ahura Mazda). Ela era a deusa regente da água, Lua, noite, das estrelas (principalmente Vênus), do amor, da abundância, fertilidade e sexualidade, maternidade e nascimento,

Criadora e Guardiã da vida e Senhora da vitória nas guerras. Anahita personificava as qualidades físicas e metafóricas da água (úmida, forte, imaculada), especialmente o poder fertilizador que fluía da sua fonte sobrenatural nas estrelas e ela regia todas as águas: dos rios, córregos, cachoeira, lagos, mar, chuva, o orvalho e o líquido amniótico. Devido às suas qualidades maternais, Anahita presidia na concepção e geração das crianças (purificando o sêmen, fortalecendo o útero e abençoando o leite) sendo, portanto, a padroeira das mulheres e crianças, uma das muitas manifestações da Grande Mãe das tradições orientais.

As pesquisas arqueológicas comprovaram que a Deusa Mãe foi a primeira divindade reverenciada pela humanidade, desde o período paleolítico e continuando nas eras seguintes. Antigas estatuetas da Deusa Mãe foram encontradas em Susa, Irã, datadas do quarto milênio a.C.; o culto original iniciado no platô iraniano foi espalhado pelas migrações das tribos arianas para a Mesopotâmia, Síria e Anatólia. Da figura inicial de uma Deusa Mãe surgiram as

suas manifestações como padroeira da fertilidade, procriação, agricultura e abundância, associadas com a Lua, certos planetas e constelações. Pela conexão com a Lua eram enfatizadas as qualidades fertilizadoras, geradoras e maternais, enquanto a associação com Vênus realçava os dons artísticos e amorosos. Os navegantes sumérios levaram consigo o culto da Deusa Mãe para o Mediterrâneo, enquanto a expansão ariana o levou para Índia, Ásia central e Europa.

O culto de Anahita se originou na Babilônia, sendo uma amalgamação de uma divindade indo-iraniana (o espírito das águas que fluíam do monte sagrado Hara) e das grandes deusas do Oriente próximo. O povo armênio a chamava de "Grande Senhora Anahita, doadora de vida e de glória para o nosso povo, benfeitora da humanidade", lhe ofertando galhos verdes, novilhas, carneiros e potros brancos. Suas bênçãos conferiam fertilidade e prosperidade ao país e os reis eram coroados nos seus templos pelas rainhas, para assim receber sua bênção e proteção. Os gregos a associaram com Athena, Ártemis, Héstita e Afrodite Urânia, enquanto no Oriente médio era equiparada com Anat. Da Armênia seu culto alcançou diversas regiões do leste de Ásia, se tornando

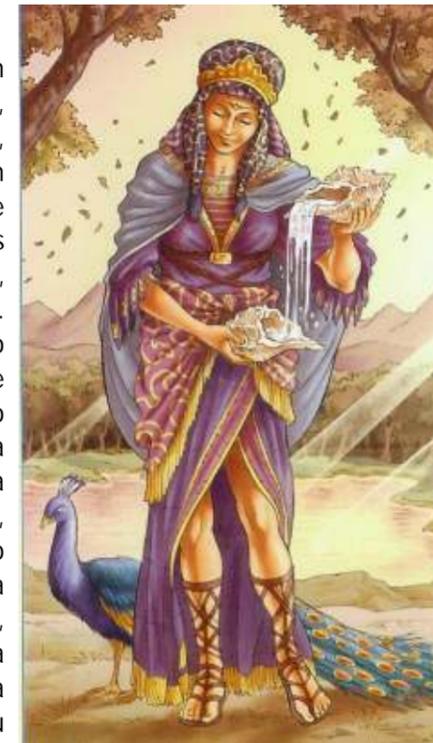


preponderante na Pérsia no tempo de Zoroastro. Após a conquista da Babilônia pela Pérsia, pode ser observada a influência e a mescla de elementos dos mitos das deusas da Mesopotâmia Ishtar e Nana, seu culto adquirindo novas características guerreiras e marciais. Em alguns mitos Anahita aparece como consorte de Mithra, antes de desaparecer do culto dele no império romano.

Anahita foi cultuada com vários nomes em diversos lugares; as deusas Anaitis, Anat, Atargatis, Asherah, Astarte, Ishtar, Al-Lat, Cybele, Ártemis, Athena e Afrodite têm em comum certas características herdadas de Anahita e alguns atributos, principalmente os ligados à água, fertilidade, amor, nutrição, gestação, nascimento, cura, guerra e magia. Algumas destas deusas são associadas com o planeta Vênus (a estrela vespertina e matutina), outras têm como título "Rainha do céu" ou "Senhora da água". Devido à semelhança dos nomes, a deusa equiparada mais frequentemente a Anahita foi Anath, uma deusa cananita e fenícia, irmã virgem do deus Baal - ou sua consorte-, reverenciada como deusa da natureza, regente da terra, guerra, amor e desejo; ela era representada cavalcando um leão e segurando uma flor na mão. Posteriormente seu culto se espalhou até o antigo Egito, onde era descrita como uma donzela armada e cavalcando um corcel veloz ou como deusa guerreira, portando lança, machado e uma coroa com penas de avestruz. A versão grega de Anahita como Anaitis favoreceu seu culto na Ásia menor e no Mediterrâneo enquanto os persas identificaram Ártemis de Éfeso com sua amada Anahita. Reflexos do culto de Anahita se encontram no arquétipo da deusa eslava Mokusha, reverenciada em diversos lugares até o século dezesseis cujo nome significava "umidade" sendo regente das águas. Outras comparações podem ser feitas com a deusa hindu Sarasvati, regente dos rios, da pureza da força vital e da fertilidade, que auxiliava as mulheres nos partos e que era também guerreira destemida; com a deusa romana Juno no seu aspecto de Juno Mater Regina, deusa soberana, guardiã das mulheres e crianças e com a nórdica Freyja, ao mesmo tempo deusa da sexualidade, magia, riqueza e regente da guerra.

Representações de Anahita

Nas suas representações Anahita aparecia ora como uma linda donzela com um diadema de ouro e carregando um jarro com água, ora como Mãe dourada, protetora do seu povo, nutrindo e protegendo-o dos inimigos. Suas estatuas – como pode ser visto em uma do primeiro século a.C. descoberta na Turquia - a representam vestindo um manto dourado e bordado, preso com um cinto de ouro, enfeitado com trinta peles de lontra e com uma flor de romã entre os seios. A sua coroa de ouro tem oito raios e dezenas de estrelas e ela usa brincos, colar e sapatos com enfeites de



ouro. Anahita se deslocava em uma carruagem dourada, puxada por quatro cavalos brancos, representando o vento, a chuva, as nuvens e o granizo. Seus animais sagrados eram a pomba, a ovelha, a lontra (cuja pele reflete matizes douradas e prateadas) e o pavão. Com o passar do tempo, Anahita foi adquirindo cada vez mais características da deusa Ishtar, recebendo o título mesopotâmico de "Senhora", sendo identificada com o planeta Vênus e a sua carruagem puxada por leões. Diferente de outras deusas leoninas, os leões de Anahita são mansos e bebem água de uma vasilha colocada sob as rodas da carruagem, realçando assim a conexão da deusa com a água.

Com a chegada do islamismo no século sete, o zoroastrismo perdeu sua posição de religião dominante no Irã, seus adeptos foram convertidos e os templos de Anahita transformados aos poucos em mesquitas. Porém mesmo na era pós-zoroastriana, o imperador Artazerzes II (que regeu entre 404-358 a.C.) dedicou inúmeros templos e estátuas para Anahita, que continuou sendo reverenciada em diversas cidades como uma poderosa e amada deusa, antes que o seu culto fosse diminuindo e substituído aos poucos

pelo dos deuses Mithra e Ahura Mazda. Nas escavações dos templos de Anahita na Pérsia (agora em ruínas) nas paredes foram achados adornos em prata e ouro, além de inúmeras jóias de ouro incrustadas com pedras preciosas, que tinham sido ofertadas à deusa e que escaparam das profanações e saques dos exércitos do Alexandre, "o Grande". Em Lorestan foram achados objetos datados do primeiro milênio a.C. como diversas argolas de bronze e cobre, tendo nas extremidades placas de prata gravadas com a figura e o nome da deusa. O achado mais importante foi de uma estatueta feminina de argila de 19 cm, adornada com pulseiras, brincos e colar de esmeraldas, enquanto em várias moedas a cabeça da deusa aparecia envolta em um halo de luz. Em Bishapur, no lugar do templo e palácio construídos por Artaxerxes, existia um canal que trazia água do rio Shapur e o distribuía ao redor do complexo de escadas e paredes, passando sob o templo e dando assim a impressão duma ilha nascendo das águas abençoadas da Deusa. Sob as ruínas dos templos de Anahita foram encontradas fontes encrustadas nas rochas e o som sagrado das suas invocações era chak-chak, significando "gotear" na língua persa. Fontes gregas mencionam a existência de um templo dedicado a Anahita em Ektabana, a antiga capital do império persa, construído de troncos de cedro cobertos com placas e blocos de prata e ouro. O altar deste templo foi destruído pelo imperador Alexandre, revoltado pela morte do seu fiel amigo, que não tinha sido curado pela deusa. Saques posteriores foram feitos pelos exércitos gregos, mas em 210 a.C. quando o rei Antiochus,

“o Grande”, chegou no lugar, as colunas do templo ainda eram revestidas com ouro e prata e o chão coberto com pilhas de placas destes metais, arrancadas das paredes, mas abandonadas.

A reverência à água era o foco do culto de Anahita, pois dela dependia a fertilidade da terra, que garantia a sobrevivência de animais e seres humanos; nos seus altares os fieis derramavam água de fonte ou chuva e pediam suas bênçãos.

Por personificar a fertilidade da água, ela era a padroeira da procriação e dos nascimentos e o hieros gamos “casamento sagrado” fazia parte dos seus rituais. Filhas das famílias nobres eram entregues aos templos para servirem por algum tempo como hierodulas ou “prostitutas sagradas”; na Babilônia as jovens da nobreza ofertavam à Deusa sua virgindade. Os ritos sexuais e a prostituição sagrada que aconteciam nos seus templos visavam purificar a concepção e a geração de filhos abençoados por ela.

Com o passar do tempo, o enfoque dos rituais de Anahita passou a ser o seu aspecto marcial como deusa padroeira da guerra e doadora das vitórias. Os guerreiros e chefes das tribos faziam grandes sacrifícios de animais brancos invocando a sua proteção e ajuda. Após os sacrifícios havia uma ceia comunitária com farto consumo da carne e de uma bebida ritualística – haoma - que induzia um estado alterado de consciência para favorecer a comunhão com os deuses. Nas escavações de um templo em Turcomenistão foram encontrados resíduos de uma bebida fermentada contendo a planta éfedra e vasilhas com restos de ópio. Na época do Zoroastro nos rituais de proteção e louvação, a bebida haoma era abençoada com encantamentos especiais, para afastar os maus espíritos e preparar o caminho para o contato com os deuses.

Anahita também era regente da magia e seus sacerdotes - os Magi - deram origem aos termos magus e magia; eles recitavam textos secretos nas suas reuniões e ofertavam encantamentos sagrados para a deusa na lua nova e em datas especiais.

Com a chegada do zoroastrismo (em torno de 600 a.C.) a importância ancestral de Anahita foi diminuindo e ela foi relegada à condição de espírito guardião das águas. Mesmo assim, havia um hino dedicado a ela como “a deusa encarregada pelo deus supremo Ahura Mazda (“O Senhor sábio”) para zelar sobre toda a criação”. Nesta condição, ela recusava os pedidos dos guerreiros sanguinários e protegia apenas aqueles que eram íntegros e puros de coração, excluindo os mentirosos, traidores, covardes, corruptos, agressores, malvados, perjúrios, portadores de deficiências físicas ou marcas de nascença (considerados pecadores). Era invocada pelos guerreiros para lhes conferir coragem e pelos sacerdotes e magos para receberem sabedoria e intuição.

Os mazdeístas (fieis do deus Ahura Mazda) cultuavam os vegetais de cujos lenhos extraíam o fogo, sendo a mais importante haoma, a figueira, tida como a Árvore Sagrada;

de seus frutos diziam obter o sumo que afugentava a morte. Em seu aspecto religioso, mas assim mesmo simbólico, o mazdeísmo tinha como principal culto o do Fogo. No ritual o sacerdote, no meio de um círculo formado de homens e mulheres, friccionava uma haste vertical, extraída da árvore sagrada, no orifício de uma madeira colocada horizontalmente no solo. Neste orifício, derramava-se manteiga clarificada e, após demorada fricção, da haste vertical surgia o Fogo Sagrado, considerado expressão da Luz e da Vida que retornava ao coração do Sol, o eterno Fogo do Espaço. Durante o ritual, a haste vertical expressava Atar, o poder positivo, masculino e a haste horizontal, Anahita, a passividade feminina ou a Água.

O Avesta (conjunto de livros sagrados dos antigos persas) descrevia a deusa Anahita como uma deusa extraordinariamente alta e forte, de aspecto impressionante, admiravelmente bela e cheia de joias. Suas sobranças eram assemelhadas a espadas e arcos, seu olhar com lanças e seus cílios parecidos com adagas. Feroz e ameaçadora; terna e sedutora; muito difícil e misteriosa, e extremante provocadora.

O encontro com ela se converteu em um único fim da existência dos místicos, que viviam à espera do instante da união, uma união sagrada simbolizada pela morte, o momento misterioso e supremo quando se fundiam com a sua amada deusa, sabendo que a aniquilação física conduzia à felicidade eterna. Esta concepção se assemelha ao mito das Valquírias da mitologia nórdica, as deusas guerreiras que decidiam a vitória nos combates, escolhiam os homens destinados a morrer e escoltavam os escolhidos para Valhalla, levando-lhes a bebida inebriante que lhes garantia a imortalidade.



Festa da Colheita

“Descanse, mas não descuide do seu desenvolvimento interior”

O mês de Agosto nos traz várias celebrações no mundo todo. Em vários países celebrava-se a colheita dos cereais. Os Celtas dedicavam o 1º dia deste mês ao Sabbat Lammas, que em inglês arcaico significava a Missa do Pão (Loaf Mass). Dedicado ao Deus da luz Lugh, o Sabbat representava o sacrifício anual para garantir a maturação das sementes, sua colheita e os grãos que viriam no próximo plantio. É um Sabbat de regeneração. Comemora-se a Deusa, a plenitude da Terra e todas as realizações da 1ª metade do ano.

As pessoas assavam pão e o ofertavam nos altares das casas e dos templos, com uma boneca feita de espiga de milho ou trigo, maçãs, uvas, vinho e flores. Os Romanos também tinham seus festivais de colheita, chamadas de Consúlia e Opseconsiva, reverenciavam o Deus Consus e a Deusa Ops com oferendas de pão fresco e vinho. Nos países Nórdicos homenageavam-se Kornmutter (as mães

do milho) e Zytinamatka (a Deusa da agricultura). Temos ainda a celebração de Corn Mother nos Estados Unidos e a celebração Asteca de Xiuhtecuhtli, Deus do fogo espiritual e senhor do calendário, e também as deusas do milho Centeotl e Xilonen, responsáveis pela fertilidade da terra. Faziam oferendas de pólen e fubá, cantos e danças ao redor de fogueiras.



Com a proibição das festas pagãs, as celebrações foram sendo substituídas por feiras de produtos e exposições de artesanatos. As portas das igrejas continuaram por muito tempo a serem enfeitadas neste dia com guirlandas de espigas de milho, flores e frutos.

Agosto é um mês para se avaliar como foi a sua “colheita” do começo do ano até aqui. Medite a respeito das sementes que não vingaram e que devem ser substituídas. Reconheça quais foram as ervas daninhas e os invasores que prejudicaram seus esforços. Renove ou fortaleça a terra para que seus projetos possam frutificar, conectando-se com as Deusas da Terra, agradecendo pelos frutos colhidos e pedindo-lhes energia e inspiração para os próximos meses. Ofereça à mãe Terra um pão redondo, espigas de milho ou trigo, flores, um cacho de uvas ou uma garrafa de vinho, agradecendo pelo seu sustento.

(Texto adaptado do livro “Anuário da Grande Mãe – Guia prático de rituais para celebrar a Deusa” de Mirella Faur)



Três Histórias

por Helena Maltez



Vou lhes contar três histórias. Descubram o que elas têm em comum.

A primeira aconteceu em uma escola de ensino fundamental em uma pequena cidade do norte de Minas Gerais. Fiquei muito intrigada pois, apesar do espaço disponível, não havia árvores. O ambiente era árido e poeirento e as crianças não tinham outra alternativa a não ser brincar sob o sol escaldante. Perguntei. Uma professora me contou que, pouco tempo atrás, haviam sido plantadas algumas árvores. Entretanto, durante as férias escolares, todas as elas haviam sido cortadas por medo de que, quando estivessem grandes, as crianças subissem, caíssem e se machucassem!

A segunda história acontece todos os dias em todos os lugares onde quer que haja araucárias. Vários agricultores em Minas Gerais e no Paraná me contaram ser muito comum que qualquer araucária que se atreva a nascer por aquelas bandas seja imediatamente arrancada. Afinal, a araucária é protegida por lei. Seu corte é proibido. Então para evitar verem suas áreas serem “infestadas” por araucárias que não poderão cortar quando crescerem, arrancam-nas ainda bebês. Aliás, isso é muito comum com toda a Mata Atlântica, ecossistema também protegido por lei. Os agricultores, no temor de “perderem” áreas agrícolas para a floresta, não deixam a regeneração florestal acontecer.

A terceira história aconteceu no meu quintal.

Adoro árvores. E o guapuruvu é uma de minhas prediletas. Acho-o lindo, elegante e muito ornamental. Eu sonhava em ter um no meu quintal. Para isso, vivia semeando-o em vários cantinhos até que um dia, finalmente, uma das sementes germinou e se estabeleceu. Apresentei a arvorezinha em crescimento a um visitante. No que ouvi: “mas você não tem medo de que ele caia sobre a sua casa?”. Achei incrível a pergunta. Como eu poderia me sentir ameaçada por aquela arvorezinha da minha altura? Até representar alguma ameaça, aquele guapuruvu enfeitará meu quintal por uns 8 ou 10 anos! Sua presença deixará o solo úmido e o lugar cheio de vida. Quando eu me sentir ameaçada, eu corto. Terei um monte de matéria orgânica para alimentar meu solo e certamente outro guapuruvu crescendo para substituí-lo em beleza pois não parei de plantá-los.

Percebem? Destruímos sistematicamente a vida antes mesmo que ela represente uma ameaça real. Criamos desertos por medo do suposto mal que a vida, nessas histórias representadas pelas árvores, poderá talvez nos causar em um futuro distante. Estamos dispostos a pagar o preço da escravidão consumista, mas não estamos dispostos a lidar com os pequenos supostos “incômodos” que a diversidade de espécies essencial à manutenção da vida no planeta nos causam. Nos irritamos com cocôs de passarinho, com folhas do chão, com galhos ou frutas que caem. Mas não nos preocupamos com a perspectiva do aquecimento global, da desertificação ou simplesmente da solidão biológica criada pelo ambiente de aço, vidro e concreto das grandes cidades.

Creio ainda que esse seja um padrão muito comum em várias dimensões da nossa vida, seja ele afetivo ou da expressão dos nossos dons no mundo. Matamos nossas mudinhas antes mesmo de saber se darão bons frutos e boa sombra. Evitamos a vida para não sofrermos um sofrimento que nem sabemos se acontecerá... E se acontecer? Quem teve uma infância de subir em árvores sabe que o eventual (e menor quanto maior a prática) risco de um braço quebrado vale a pena. Ou não?

Próximos Rituais

Noite de Hécate

Data: 13 de agosto de 2012 às 20h

Vestir saia ou vestido em cores escuras, agasalho e xale.

- * 1 vela pequena, amarela, dentro de um copo;
- * 1 colar de uso pessoal (sementes, contas, pedras semi-preciosas) para imantar;
 - * 1 incenso de breu;
 - * 1 fio de lã preta da sua altura;
 - * 1 maçã;
- * alho granulado em potinho (encontrado no supermercado);
- * tambor ou chocalho, se tiver.

Somente para mulheres



Plenilúnio (Lua azul): Ananta, a Deusa hindu da força vital feminina

Data: 31 de agosto de 2012 às 20h

Vestir roupas indiana, saia ou vestido coloridos. Usar uma echarpe ou véu.

Levar:

- * 1 pequena vela perfumada, dentro de um copo;
- * 1 pingente, bracelete ou anel de serpente;
 - * 1 flor;
- * 1 garrafinha de água para imantar (se tornará 'Água Lunarizada');
- * 1 pedra azul (topázio azul, safira, berilo, água-marinha, lápis lazuli ou sodalita);
- * tambor ou chocalho, se tiver.

Somente para mulheres



AS DÁDIVAS DA DEUSA HÉCATE

Na noite de 13 de agosto, a Teia de Thea celebra a antiga Deusa escura

por Mirella Faur



O dia 13 de agosto era uma data importante no antigo calendário greco-romano, dedicada às celebrações das deusas Hécate e Diana, quando Lhes eram pedidas bênçãos de proteção para evitar as tempestades do verão europeu que prejudicassem as colheitas. Na tradição cristã comemora-se no dia 15 de agosto a Ascensão da Virgem Maria, festa sobreposta sobre as antigas festividades pagãs para apagar sua lembrança, mas com a mesma finalidade: pedir e receber proteção. Com o passar do tempo perdeu-se o seu real significado e origem e preservou-se apenas o medo incutido pela igreja cristã em relação ao nome e atuação de Hécate. Esta poderosa Deusa com múltiplos atributos foi considerada um ser maléfico, regente das sombras e fantasmas, que trazia tempestades, pesadelos, morte e destruição, exigindo dos seus adoradores sacrifícios lúgubres e ritos macabros. Para desmistificar as distorções patriarcais e cristãs e contribuir para a revelação das verdades milenares, segue um resumo dos aspectos, atributos e poderes da deusa Hécate.

Hécate Trivia ou Triformis era uma das mais antigas deusas da Grécia pré-helênica, cultuada originariamente na Trácia como representação arcaica da Deusa Tríplice, associada com a noite, lua negra, magia, profecias, cura e os mistérios da morte, renovação e nascimento. "Senhora das encruzilhadas" - dos caminhos e da vida - e do mundo subterrâneo, Hécate é um arquétipo primordial do inconsciente pessoal e coletivo, que nos permite o acesso às camadas profundas da memória ancestral. É representada no plano humano pela xamã que se movimenta entre os mundos, pela vidente que olha para passado, presente e futuro e pela curadora que transpõe as pontes entre os reinos visíveis e invisíveis, em busca de segredos, soluções, visões e comunicações espirituais para a cura e regeneração dos seus semelhantes.

Devido à Sua natureza multiforme e misteriosa e à ligação com os poderes femininos "escuros", as interpretações patriarcais distorceram o simbolismo antigo desta deusa protetora das mulheres e enfatizaram Seus poderes destrutivos ligados à magia negra (com sacrifícios de animais pretos nas noites de lua negra) e aos ritos funerários. Na Idade Média, o cristianismo distorceu mais ainda seus atributos, transformando Hécate na "Rainha das bruxas", responsável por atos de maldade, missas negras, desgraças, tempestades, mortes de animais, perda das colheitas e atos satânicos. Estas invenções tendenciosas levaram à perseguição, tortura e morte pela Inquisição de milhares de "protegidas de Hécate", as curandeiras, parteiras e videntes, mulheres "suspeitas" de serem Suas seguidoras e animais a Ela associados (cachorros e gatos pretos, corujas).

No intuito de abolir qualquer resquício do Seu poder, Hécate foi caricaturizada pela tradição patriarcal como uma bruxa perigosa e hostil, à espreita nas encruzilhadas nas noites

escuras, buscando e caçando almas perdidas e viajantes com sua matilha de cães pretos, levando-os para o escuro reino das sombras vampirizantes e castigando os homens com pesadelos e perda da virilidade. As imagens horrendas e chocantes são projeções dos medos inconscientes masculinos perante os poderes "escuros" da Deusa, padroeira da independência feminina, defensora contra as violências e opressões das mulheres e regente dos seus rituais de proteção, transformação e afirmação.

No atual renascimento das antigas tradições da Deusa compete aos círculos sagrados femininos resgatar as verdades milenares, descartando e desmascarando imagens e falsas lendas que apenas encobrem o medo patriarcal perante a força mágica e o poder ancestral feminino. Em função das nossas próprias memórias de repressão e dos medos impregnados no inconsciente coletivo, o contato com a Deusa Escura pode ser atemorizador por acessar a programação negativa que associa escuridão com mal, perigo, morte. Para resgatar as qualidades regeneradoras, fortalecedoras e curadoras de Hécate precisamos reconhecer que as imagens distorcidas não são reais, nem verdadeiras, que nos foram incutidas pela proibição de mergulhar no nosso inconsciente, descobrir e usar nosso verdadeiro poder.

A conexão com Hécate representa para nós um valioso meio para acessar a intuição e o conhecimento inato, desvendar e curar nossos processos psíquicos, aceitar a passagem inexorável do tempo e transmutar nossos medos perante o envelhecimento e a morte. Hécate nos ensina que o caminho que leva à visão sagrada e que inspira a renovação passa pela escuridão, o desapego e transmutação. Ela detém a chave que

abre a porta dos mistérios e do lado oculto da psique; Sua tocha ilumina tanto as riquezas, quanto os terrores do inconsciente, que precisam ser reconhecidos e transmutados. Ela nos conduz pela escuridão e nos revela o caminho da renovação. Porém, para receber Seus dons visionários, criativos ou proféticos precisamos mergulhar nas profundezas do nosso mundo interior, encarar o reflexo da Deusa Escura dentro de nós, honrando Seu poder e Lhe entregando a guarda do nosso inconsciente. Ao reconhecermos e integrarmos Sua presença em nós, Ela irá nos guiar nos processos psicológicos e espirituais e no eterno ciclo de morte e renovação. Porém, devemos sacrificar ou deixar morrer o velho, encarar e superar medos e limitações; somente assim poderemos flutuar sobre as escuras e revoltas águas dos nossos conflitos e lembranças dolorosas e emergir para o novo.

Reverencie essa poderosa deusa pedindo-lhe que a ajude a transmutar as sombras do passado, facilitar e guiar suas escolhas no presente e iluminar seu caminho no futuro. Acenda uma vela preta para a transmutação, uma branca para clarear as dúvidas e uma amarela para iluminar sua caminhada. Ofereça à deusa alguns bolinhos de milho, um ovo cru (de preferência galado) e uma cabeça de alho; deposite a oferenda em uma encruzilhada de três caminhos ou embaixo de uma árvore com três grandes galhos. Agradeça à Deusa pela ajuda recebida e peça-lhe para afastar as sombras com a luz de sua tocha, removendo os empecilhos e transformando os resíduos do passado em novos estímulos. Use essa meditação ritualística quando estiver em uma encruzilhada em sua vida e não souber por qual caminho se decidir.



Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles
Imagens de internet
Informações:
Nane - 96779453 ... Andrea - 34084065
deusaviva@teiadethea.org

Posta- restante

por Maria Amaziles

Maria,

A nutrição de que cada criatura carece sempre foi, e será encontrada em mim: essa é uma das infinitas nuances do Amor. E os corações que buscam aproximar-se dos mistérios têm também encontrado aí as raízes da inspiração para atitudes generosas, mesmo suspeitando que suas colheitas sejam reservatórios de outros tantos significados.

É do trigo que se entrega em sacrifício que você aprendeu a modelar o pão, metáfora tão antiga... Mas nutrir-se em mim pode inspirar atitudes que fazem você mais harmoniosa e bonita, algo muito além do corpo forte e saudável que esse alimento venha proporcionar. Buscando essa sutileza, você irá se deparar com níveis mais sutis de sustento, descobrindo o quão sagrada é sua colheita, sempre.

Que minha bênção de hoje possa despertar em você uma nova qualidade de percepção. Que ao sorver o mel, você possa se lembrar de devolvê-lo ao mundo na forma de verdades expressas com delicadeza. Que se fortaleça em seu coração a liberdade de agir com generosidade, como uma laranjeira cheira de bons frutos se curvando ao caminhante anônimo, numa estrada qualquer.

Esse é um dos portais para a alegria, quando o trabalho e seu resultado a mim são entregues, em sincera gratidão. Que se entrelaçem suas mãos às minhas ao semear sua vida, deixando aos meus pés o fardo de suas expectativas! Você se verá livre das frustrações, com a alma aberta para celebrar. Assim é, filha querida...

Em doce e nutritivo carinho,

Agueda que é.